

A Vila vive de teimosa+

AJ 20159

Moça, moça, compra um perfume, ele é muito bom, olha só — passa um pouco do perfume no meu braço. Cheira só, moça, é bom mesmo. Compra, é só Cr\$ 300, mas pra senhora eu deixo por Cr\$ 250. Olha, o nome é Hollyday... Eu vou andando pelas calçadas esburacadas, com esgotos borbulhando, gente por todos os lados, buzinas, sirenes, freadas bruscas, conver-

sas animadas, reclamações. Quer um cuscuz madame? Custa Cr\$ 50. É coco mesmo, não é desses cocos de saquinho não, eu mesmo ralo e faço tudo, diz a negra gorda, enquanto corta seu cuscuz em fatias. Alguém oferece picolé. É Cr\$ 20, dona, é de fruta mesmo, não é de Q-suco não, é minha mãe quem faz. Carretel de linha dona, barato, a linha mais forte que a senhora já viu. Mais adiante um rapaz alto, vestido de palhaço, apregoa o arti-

go da semana de uma loja: Panelas pelos preços mais baratos da cidade, coisa nunca vista, não é palhaçada, é verdade mesmo. Entre madame e verifique o nosso artigo, que é de primeira.

Não são diálogos de um filme do neo-realismo italiano e nem se trata do mercado modelo de Salvador. É a Vila Rubim, o pedaço mais brasileiro do Espírito Santo.

Glecy Coutinho

A Vila acorda cedo. Aqui funciona o estômago de Vitória. O mercado, com seus armazéns, seus botecos, açougues, bares e bancas de verduras. As quatro horas da manhã o mercado já está aberto, os caminhões de verdura encostando e os primeiros compradores já chegam à Vila para adquirir a verdura mais nova, o peixe mais fresco e a galinha caipira que acabou de chegar da roça. "Olha, moça", diz uma senhora de meia idade, "eu gosto de vir ao mercado cedo, gosto de comprar a verdura quando ela sai do caminhão que vem da roça. Galinha de granja eu não gosto, compro galinha caipira. Todo o pessoal aqui já me conhece. É pena que eles não possam matar a galinha aqui pra gente."

O cheiro do café se espalha por todo o mercado e as pessoas começam a chegar aos bares e botecos. A maioria toma média e pão com manteiga para continuar o batede até o meio-dia, quando param para o almoço. "Eu como aqui mesmo", diz Jorge Santos, um mulato forte que trabalha descarregando caminhões. "Se eu for embora almoçar, moro tão longe que não dá. A gente belisca por aqui mesmo, dona. A grana tá curta e a passagem é muito cara."

Aos poucos os ônibus vão despejando mais gente no mercado e as bancas de verduras vão se enchendo de fregueses à procura de um tomate mais barato, uma alface mais nova ou um temperinho verde fresquinho.

"Cebola é aqui comigo, dona, a cebola mais bonita e mais barata da Vila", diz o garoto em sua banca localizada na praça onde antigamente ficava o velho mercado que foi demolido. Várias bancas de verduras se espalham por toda a praça e à medida que o dia vai clareando vai aumentando o movimento.

Um carro passa mais veloz e espirra água num transeunte, que solta um palavrão, me vê e pede desculpas. "A senhora me desculpe, esses motoristas não têm um pingão de consideração para com os pedestres. Acham que são os donos da rua." "Olha, madame", diz o senhor de cabelos grisalhos que se identificou como Aristóbulo Silva, "já foi o tempo que pedestre era bem tratado aqui na Vila. No tempo,



As 10 horas da manhã a Vila Rubim é o metro quadrado com maior índice demográfico do Espírito Santo.

300, minha gente." Em cima da mesinha desmontável e prática para correr se o rapa aparecer na esquina, uma cobra jibóia assiste impassível à exposição do seu dono. Um homem simples, camisa de tergal amarela, compra o remédio e diz que é para sua filha mais nova que deu para comer terra. Pega o remédio e sai. Outros vão chegando e o camelô continua a apregoa os efeitos miraculosos do seu produto.

A esta altura, 10 horas de manhã, o mercado já fervilha. Automóveis particulares, táxis, carroças, ônibus, gente por todos os lados, mendigos pelas calçadas, crianças pedindo, carregadores com carrinhos ou levando os volumes na cabeça, mulheres com sacolas e cestas levando

gente pedir dinheiro o banco acaba tomando tudo. A gente perde a colheita, perde as terras, perde tudo. Por isso eu vim embora. Mas o mercado já foi bom, hoje tá muito abandonado. Ninguém liga. Olha, as calçadas quebradas, os passeios, o lixo, as moscas, o mercado fede, dona."

Florisvaldo Piveta, comerciante no Mercado da Vila Rubim há 10 anos, também reclama. "Tem dias que os caminhões nem podem parar para descarregar. E o problema do lixo é muito sério."

Na peixarias o pessoal não anda satisfeito. "As portas estão estragadas e ninguém aparece para consertar. Estamos fechando com algumas tábuas", diz João

instalações adequadas, mas não há permissão para isso. Isso é uma reivindicação nossa. Gostaríamos que o futuro prefeito olhasse isso para nós." Para Antônio Carlos Meireles, o mercado está num total abandono e por isso a freguesia está diminuindo muito.

Mais para frente, debaixo da ponte seca é jogado todo o lixo do mercado. As garis o apanham, colocam-no debaixo da ponte e os homens o levam às lixeiras que são carregadas pelos caminhões. Por baixo da ponte seca, em meio a uma nuvem de moscas, avistei um monte de papel onde dois homens estavam parados, perto de uma balança grande.

As saudades

O bairro da Vila Rubim compreende o espaço urbano que vai do posto de gasolina em frente à Faculdade de Farmácia, até o restaurante Mar e Terra. Para alguns moradores, os bondes eram a marca registrada da Vila Rubim. Ele vinha de Santo Antônio, entrava na avenida Duarte Lemos, pegava a avenida José Carlos, hoje Marcos de Azevedo, e seguia em direção à Praça Costa Pereira. Na volta passava pela avenida Cleto Nunes e como diria o poeta, entrava triunfal na Vila Rubim. Quando passava em frente à rua São João, as mães beliscavam as filhas para que evitassem olhar para aquele lado, pois ali ficavam algumas casas de prostituição da cidade. A mais famosa era a casa da Zefinha.

Segundo Zander Morellato, que fez a última viagem no bonde de Santo Antônio, ele foi retirado em 1963, quando a Central Brasileira de Força Elétrica o retirou de circulação, sendo substituído por ônibus.

A Vila era um lugar calmo, diz dona Hilda Mendes, que se identificou como moradora da Ilha do Príncipe mas frequentadora assídua da Vila Rubim. "Agora ninguém pode mais atravessar a rua. Tem carros demais, muita gente, poluição. A Prefeitura nem liga. A Vila é uma vergonha".

Muitos moradores concordam com dona Hilda. As calçadas estão esburacadas, há excesso de carros, o barulho é ensurdecedor, o ar irrespirável. Nos horários de tráfego mais intenso, segundo o Detran, chegaram a passar pela Vila Rubim, em 1980 em direção à Vila Velha, 1842 veículos entre ônibus, caminhões utilitários e automóveis.

Hoje a maioria das casas antigas do início do século ou da década de 20 foi demolida ou reformada. Em seus locais surgiram construções modernas de gosto duvidoso. Algumas, porém, ainda resistem ao tempo e à especulação imobiliária.

Dos estabelecimentos comerciais antigos poucos restam. O restaurante Mar e Terra, outrora ponto de encontro dos boêmios da cidade, hoje com menor frequência, é ainda o preferido nos fins de noite para quem quer comer uma galinha a molho pardo ou um tu tu à mineira com costeletas de porco. O Bar Santos, depois de 50 anos de atividades local onde os frequentadores estavam acostumados a uma canoinha de pão francês com queijo, manteiga e presunto, já não existe mais. Seus proprietários passaram o ponto e o bar foi reformado.

O comércio continua intenso. Farmácias, lojas de roupas feitas, tecidos, armazém, bares, cafés, pensões e hotéis baratos, barbearias, alfaiatarias, padarias, armazéns pequenos e o enorme comércio ambulante.

Para seu Hirton Zardini, que mora na Vila há mais de 50 anos "a Vila não é mais a mesma", apesar do seu amor por ela. Seu Hirton trabalha na loja de consertos de bicicleta de seu irmão Mário Zardini. "Tempo bom", lembra ele "era o tempo dos bondes. A Vila era o lugar mais animado de Vitória. Havia muitos clubes, o Bola Preta, o Está Cruel, meu pai mesmo foi diretor do Está Cruel. O Bola Preta ficava ali por perto da igreja do Quadro. Mas a barra era um pouco mais pesada. O Está Cruel era uma gafeira animadíssima e respeitada. Tinha um corpo musical ótimo. Eu frequentava todos os clubes. Aqui tinha um ótimo futebol. O futebol profissional matou o futebol de várzea do Espírito Santo. Havia um grande amor ao esporte e as pessoas se divertiam muito mais. Havia disputas sensacionais de basquete, vôlei aqui na Vila, entre o Álvares Cabral, o Saldanha e o Náutico Brasil. Até campeonato de water polo já teve aqui

...e bancas de verduras. As quatro horas da manhã o mercado já está aberto, os caminhões de verdura encostando e os primeiros compradores já chegam à Vila para adquirir a verdura mais nova, o peixe mais fresco e a galinha caipira que acabou de chegar da roça. "Olha, moça", diz uma senhora de meia idade, eu gosto de vir ao mercado cedo, gosto de comprar a verdura quando ela sai do caminhão que vem da roça. Galinha de granja eu não gosto, compro galinha caipira. Todo o pessoal aqui já me conhece. É pena que eles não possam matar a galinha aqui pra gente."

O cheiro do café se espalha por todo o mercado e as pessoas começam a chegar aos bares e botecos. A maioria toma média e pão com manteiga para continuar o batede até o meio-dia, quando param para o almoço. "Eu como aqui mesmo", diz Jorge Santos, um mulato forte que trabalha descarregando caminhões. "Se eu for embora almoçar, moro tão longe que não dá. A gente belisca por aqui mesmo, dona. A grana tá curta e a passagem é muito cara."

Aos poucos os ônibus vão despejando mais gente no mercado e as bancas de verduras vão se enchendo de fregueses à procura de um tomate mais barato, uma alface mais nova ou um temperinho verde fresquinho.

"Cebola é aqui comigo, dona, a cebola mais bonita e mais barata da Vila", diz o garoto em sua banca localizada na praça onde antigamente ficava o velho mercado que foi demolido. Várias bancas de verduras se espalham por toda a praça e à medida que o dia vai clareando vai aumentando o movimento.

Um carro passa mais veloz e espirra água num transeunte, que solta um palavrão, me vê e pede desculpas. "A senhora me desculpe, esses motoristas não têm um pingão de consideração para com os pedestres. Acham que são os donos da rua." "Olha, madame", diz o senhor de cabelos grisalhos que se identificou como Aristóbulo Silva, "já foi o tempo que pedestre era bem tratado aqui na Vila. No tempo dos bondes isso não acontecia, mas hoje essa gente não tem o menor respeito pelos mais velhos. Olha só a rua. Pode um desgosto desses borbulhando aqui? Isso é uma vergonha. Vê se na Ilha do Boi acontece isso. Claro que não. Só aqui. E a senhora pensa que lá rende alguma coisa pro Estado? Pra Prefeitura? Não, é aqui. A Vila é que paga imposto, a Vila desse jeito que a senhora está vendo é que dá lucro ao Estado." Atravessa a rua e vai embora.

O sol começa a esquentar e do outro lado da rua uma voz de locutor de rádio da década de 50 começa a falar. É um camelô apregoando seus produtos miraculosos. De repente, o número de pessoas foi aumentando em torno do camelô, que vende um "remédio milagroso" para lombrias, solitárias, dor de estômago e hemorróidas. "Não tem dieta", diz ele, "pode comer até pimenta. Crianças que comem areia, caco de barro, pó de café, podem tomar o remédio, que cura tudo. É homeopatia, minha gente, não tem álcool, só ervas medicinais. Serve também para dor de cabeça e cólica de fígado. Só Cr\$



As 10 horas da manhã a Vila Rubim é o metro quadrado com maior índice demográfico do Espírito Santo.

300, minha gente." Em cima da mesinha desmontável e prática para correr se o rapa aparecer na esquina, uma cobra jibóia assiste impassível à exposição do seu dono. Um homem simples, camisa de tergal amarela, compra o remédio e diz que é para sua filha mais nova que deu para comer terra. Pega o remédio e sai. Outros vão chegando e o camelô continua a apregoar os efeitos miraculosos do seu produto.

A esta altura, 10 horas de manhã, o mercado já fervilha. Automóveis particulares, táxis, carroças, ônibus, gente por todos os lados, mendigos pelas calçadas, crianças pedindo, carregadores com carrinhos ou levando os volumes na cabeça, mulheres com sacolas e cestas levando peixes, galinhas, frutas e verduras. O mercado é uma verdadeira festa. As 10 horas da manhã a Vila Rubim deve ser o metro quadrado com maior índice demográfico do Espírito Santo.

Mas o mercado não vive só de alegrias e bons negócios. Uma briga surge em uma das calçadas, uma mulher diz que foi roubada, surge o camburão que estava estacionado a uns 100 metros, saltam os policiais. Um mulatinho alto e franzino, aparentando uns 18 anos, é carregado. Os policiais vão empurrando, levantam a tampa do cofre e jogam o jovem com toda a força, batendo a porta com violência. Algumas pessoas reclamam, um bêbado levanta a cabeça e diz com voz pastosa: "Essa polícia num aprende a tratá um cidadão." Balança a cabeça e se deita novamente. Os mendigos continuam estendendo a mão aos transeuntes indiferentes.

Quer um churrasquinho, madame?

Pego o churrasco e converso com o seu José Fernandes, 68 anos, lavrador em Itaguaçu e há 10 anos no mercado da Vila Rubim. "Olha, moça, a lavoura só dá pra rico que pede dinheiro no banco. Se a

gente pedir dinheiro o banco acaba tomando tudo. A gente perde a colheita, perde as terras, perde tudo. Por isso eu vim embora. Mas o mercado já foi bom, hoje tá muito abandonado. Ninguém liga. Olha, as calçadas quebradas, os passeios, o lixo, as moscas, o mercado fede, dona."

Florisvaldo Piveta, comerciante no Mercado da Vila Rubim há 10 anos, também reclama. "Tem dias que os caminhões nem podem parar para descarregar. E o problema do lixo é muito sério."

Nas peixarias o pessoal não anda satisfeito. "As portas estão estragadas e ninguém aparece para consertar. Estamos fechando com algumas tábuas", diz João Barbosa, 45 anos, há 14 no mercado. "A gente trabalha com peixe e banheiro não tem. Não podemos tomar banho para ir para casa. Não tem nem água. Há quatro meses estamos trazendo água com a maior dificuldade, com mangueira, tirando lá da rua, um sufoco. Eles só sabem é cobrar, se entram 10 quilos de peixe chega logo o cobrador da Prefeitura, mas ver o que está acontecendo com a gente ninguém vem ver não."

Segundo Edson Martins, na Cesa existem muitos banheiros, mas na Vila, nenhum. Quatro sanitários, cinco, mas só três funcionam com descarga quebrada. "É uma maravilha. Todos os dias passam aqui para cobrar. Se entrar ladrão aqui, quem é que vai se responsabilizar? Tem dois meses que essa porta está quebrada", desabafa.

A situação do aviário é a mesma da peixaria. A porta não tem a menor segurança, segundo José da Silva Campos. "A administração é deficiente. Precisamos policiamento. É preciso abater as galinhas que a freguesia pede. Existem

instalações adequadas, mas não há permissão para isso. Isso é uma reivindicação nossa. Gostaríamos que o futuro prefeito olhasse isso para nós." Para Antônio Carlos Meireles, o mercado está num total abandono e por isso a freguesia está diminuindo muito.

Mais para frente, debaixo da ponte seca é jogado todo o lixo do mercado. As garis o apanham, colocam-no debaixo da ponte e os homens o levam às lixeiras que são carregadas pelos caminhões. Por baixo da ponte seca, em meio a uma nuvem de moscas, avistei um monte de papel onde dois homens estavam parados, perto de uma balança grande.

"Nós compramos o papel de qualquer pessoa que venha vender. Pagamos Cr\$ 10 o quilo. Só papel enxuto, de qualquer tipo. Nós entregamos à Ipressa e a outras fábricas de papel que existem na Grande Vitória, que são muitas." Ele rabalha para José Carlos Magalhães e chama-se Adauto Lindemberg. São mais ou menos 100 catadores que vendem papel aqui. Muitos têm pontos certos, escritórios e lojas que guardam o papel para eles. "A gente paga na hora. Tem gente que chega às vezes a vender até 300 quilos diários."

"O lixo da ponte", diz Adauto, "é colocado pelo pessoal dos bares e lojas aqui da Vila Rubim. Não é lixo do mercado, não."

Debaixo da ponte, ignorando o mau cheiro, uma mulher de meia-idade cozinha um guizado numa panela de barro em cima de dois tijolos, abanando o fogo e espantando as moscas que infestam o local.

Uma hora da tarde. Atravessei a pista em frente ao posto Ouro Negro. Lá atrás ficou o mercado, cada vez mais cheio de gente e de novas histórias.

Segundo Zander Morellato, que fez a última viagem no bonde de Santo Antônio, ele foi retirado em 1963, quando a Central Brasileira de Força Elétrica o retirou de circulação, sendo substituído por ônibus.

A Vila era um lugar calmo, diz dona Hilda Mendes, que se identificou como moradora da Ilha do Príncipe mas frequentadora assídua da Vila Rubim. "Agora ninguém pode mais atravessar a rua. Tem carros demais, muita gente, poluição. A Prefeitura nem liga. A Vila é uma vergonha".

Muitos moradores concordam com dona Hilda. As calçadas estão esburacadas, há excesso de carros, o barulho é ensurdecedor, o ar irrespirável. Nos horários de tráfego mais intenso, segundo o Detran, chegaram a passar pela Vila Rubim, em 1980 em direção à Vila Velha, 1842 veículos entre ônibus, caminhões utilitários e automóveis.

Hoje a maioria das casas antigas do início do século ou da década de 20 foi demolida ou reformada. Em seus locais surgiram construções modernas de gosto duvidoso. Algumas, porém, ainda resistem ao tempo e à especulação imobiliária.

Dos estabelecimentos comerciais antigos poucos restam. O restaurante Mar e Terra, outrora ponto de encontro dos boêmios da cidade e, hoje com menor frequência, é ainda o preferido nos fins de noite para quem quer comer uma galinha a molho pardo ou um tu tu à mineira com costeletas de porco. O Bar Santos, depois de 50 anos de atividades locais onde os frequentadores estavam acostumados a uma canoinha de pão francês com queijo, manteiga e presunto, já não existe mais. Seus proprietários passaram o ponto e o bar foi reformado.

O comércio continua intenso. Farmácias, lojas de roupas feitas, tecidos, armário, bares, cafés, pensões e hotéis baratos, barbearias, alfaiatarias, padarias, armazéns pequenos e o enorme comércio ambulante.

Para seu Hirton Zardini, que mora na Vila há mais de 50 anos "a Vila não é mais a mesma", apesar do seu amor por ela. Seu Hirton trabalha na loja de consertos de bicicleta de seu irmão Mário Zardini. "Tempo bom", lembra ele "era o tempo dos bondes. A Vila era o lugar mais animado de Vitória. Havia muitos clubes, o Bola Preta, o Está Cruel, meu pai mesmo foi diretor do Está Cruel. O Bola Preta ficava ali por perto da igreja do Quadro. Mas a barra era um pouco mais pesada. O Está Cruel era uma gafeira animadíssima e respeitada. Tinha um corpo musical ótimo. Eu frequentava todos os clubes. Aqui tinha um ótimo futebol. O futebol profissional matou o futebol de várzea do Espírito Santo. Havia um grande amor ao esporte e as pessoas se divertiam muito mais. Havia disputas sensacionais de basquete, vôlei aqui na Vila, entre o Álvares Cabral, o Saldanha e o Náutico Brasil. Até campeonato de water polo já teve aqui na Vila Rubim. Naquele tempo o mar passava ali debaixo da ponte seca. A gente pulava da ponte, a Vila era uma festa. As festas de São João eram maravilhosas e todo o mundo participava. Outro dia eu fiquei muito triste. Soube que vão vender o Esporte Clube Americano. Uma pena. O governo devia entrar em entendimento com o pessoal para resguardar aquele prédio para a Vila Rubim. A Vila não tem nada e o Americano é um clube de tradição. Eu fico muito triste às vezes quando eu me lembro dessas coisas. Fico tão triste que nem me dá vontade de viver..."

"Olha, moça, a Vila é o bairro que mais dá lucro a Vitória. Infelizmente, é o mais esquecido. Acho que é porque aqui só mora gente da classe média pra baixo. Mas a Vila devia ser mais olhada pela Municipalidade. Ela quer ser tratada com todo o respeito que merece. Hoje tem uma escola de samba, a Novo Império".

"Precisamos de uma geral, pois aqui é que é o bairro que o turista gosta de ver. Ilha do Boi, o turista está cheio. Isso tem muito por aí, e até melhor. O turista quer ver lugares como a Vila Rubim, que ver como é que o povo vive. E isso só se pode ver aqui. Eu gosto da Vila e, apesar do tratamento dado ao bairro pelas autoridades, não saio daqui por nada desse mundo".

É como disse o compositor: A Vila não morreu nem morrerá. Deixa a danada da língua do povo falar".